

FACULDADE CALAFIORI
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

CAMILA NAVES DOMINGOS
DAYANE APARECIDA PINTO

**A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL
DE 0 A 3 ANOS**

São Sebastião do Paraíso – MG

2017

FACULDADE CALAFIORI
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL
DE 0 A 3 ANOS**

Trabalho apresentado a Faculdade Calafiori de São Sebastião do Paraíso - MG, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Área de concentração: Educação Escolar

Orientadora: Marinilda Aparecida Silva

Linha de Pesquisa: Bibliográfica

Alunas: Camila Naves Domingos

Dayane aparecida Pinto

SÃO SEBASTIÃO DO PARAÍSO

2017

NAVES DOMINGOS CAMILA
PINTO APARECIDA DAYANE

**A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL
DE 0 A 3 ANOS**

Trabalho apresentado como requisito parcial para a Conclusão do Curso de Licenciatura em Pedagogia do Curso de Pedagogia da Faculdade Calafiori de São Sebastião do Paraíso-MG.

Comissão Julgadora:

Orientador – Prof^ª. Marinilda Silva

2º examinador – Prof^º Ms. César Clemente

3ª examinador – Prof Ms. Claudio Manoel Person

Avaliação: () _____

São Sebastião do Paraíso, 18 de dezembro de 2017.

DEDICATÓRIA

Dedicamos nosso trabalho aos nossos familiares que caminharam lado a lado, sempre acreditando em nós e contribuindo para que tudo desse certo.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por nos conceder saúde e força para superarmos os obstáculos durante o curso de pedagogia.

“Brincar com criança não é perder tempo, é ganhá-lo; se é triste ver meninos sem escola, mais triste ainda é vê-los sentados enfileirados em salas sem ar, com exercícios estéreis, sem valor para a formação do homem”.

Carlos Drummond de Andrade

NAVES D.C PINTO A.D. A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL DE 0 A 3 ANOS

Trabalho de Conclusão de Curso. Curso de Licenciatura em Pedagogia. Faculdade Calafiori. São Sebastião do Paraíso, 2017.

RESUMO

O presente trabalho analisou a importância do brincar na educação infantil com o intuito de demonstrar que, brincando, a criança constrói sua identidade e autonomia, aprende a comunicar-se consigo mesma e com o mundo, estabelece relações sociais, constrói conhecimentos e se desenvolve integralmente. Os jogos, as brincadeiras e o ato de brincar surgem como oportunidades fundamentais para que a criança desenvolva seus valores essenciais como seres humanos, apresentando potencial de cura físico-psíquica e, ainda, são instrumentos de comunicação entre seus pares e as diversas gerações, proporcionando ferramentas essenciais para o processo ensino-aprendizagem. Assim, para realizar este trabalho, utilizamos a pesquisa bibliográfica, fundamentada em renomados autores e na reflexão de artigos, revistas e sites.

Palavras-chave: educação infantil; brincar; ensino aprendizagem.

NAVES D.C PINTO A.D. THE IMPORTANCE OF PLAYING IN CHILD EDUCATION
FROM 0 TO 3 YEARS

Completion of course work. Degree in Pedagogy. Calafiori College. São Sebastião do Paraíso,
2017.

ABSTRACT

This work investigates the importance of playing for children's education with the purpose of demonstrating that by playing the child constructs his identity and autonomy, learns to communicate with himself and with the world, establishes social relations, builds knowledge and develops fully. Games are fundamental opportunities for the child to develop their essential values as human beings, presenting the potential of physical-psychic healing and, still, they are instruments of communication between their peers and the several generations, providing essential tools for the teaching-learning process. Thus, to carry out this work, we used bibliographical research, based on renowned authors and on the reflection of articles, journals and websites.

Keywords: child education; play; teaching learning.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1. EDUCAÇÃO INFANTIL E FASE DO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA SEGUNDO JEAN PIAGET E L.S. VIGOTSKY.....	12
1.1 Breve Retrospecto sobre a Educação Infantil.....	12
1.2 Fundamentação Legal.....	16
2. O BRINCAR E SUAS CONTRIBUIÇÕES NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM.....	17
2.1 A importância do brincar na Educação Infantil.....	17
2.2 O papel dos brinquedos e brincadeiras na desenvolvimento infantil.....	19
2.3 Brincadeiras e brinquedos de acordo com a faixa etária.....	23
2.4 A organização do espaço de instituição da Educação Infantil.....	30
2.5 Papel do adulto na brincadeira com objetos e na organização e reorganização dos espaços e brinquedos.....	33
2.6 O brincar realizado pelos professores.....	34
3. A FORMAÇÃO DO EDUCADOR INFANTIL	
3.1 O perfil do educador infantil.....	37
3.2 O professor e o aprender brincando.....	41
CONSIDERAÇÕES.....	43
REFERÊNCIAS	44

Introdução

O brincar é um dos principais meios de expressão infantil, o qual possibilita à criança perceber o mundo ao seu redor além de facilitar seu processo de aprendizagem. Por contemplar todos os aspectos, sejam eles: cognitivos, afetivos, emocionais e culturais, viabiliza o desenvolvimento de forma integral dessa criança e, ela, por sua vez, concede uma forma peculiar ao ato de brincar. O jogo e a brincadeira vão adquirindo cada vez mais sentido e vão se transformando, gradativamente, conforme a brincadeira vai evoluindo e as experiências sendo vivenciadas cada vez mais.

Ao contrário do que se pensava historicamente, a brincadeira é de fundamental importância para todas as áreas do desenvolvimento humano. Possibilita a exploração do ambiente e do objeto, a tomada de decisões, o desenvolvimento do pensar e da criatividade e, ainda, o despertar da imaginação.

Com o referido trabalho buscou-se: compreender como se dá o processo de desenvolvimento das crianças na Educação Infantil através da brincadeira e quais as interações que esta proporciona; avaliar como a brincadeira influencia no desenvolvimento da criança de 0 a 3 anos; conhecer os principais autores cujas pesquisas influenciaram na compreensão dos processos do desenvolvimento infantil da atualidade; reconhecer a importância do brincar para o desenvolvimento saudável da criança; identificar quais habilidades cada tipo de brincadeira pode desenvolver na primeira infância.

O brincar é livre e é brincando que a criança realiza a leitura do meio sociocultural no qual está inserida e experimenta situações que utilizará na vida adulta.

Para melhor compreender como se estrutura o processo do desenvolvimento infantil através do brincar, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, sendo selecionados livros, artigos e trabalhos científicos relativos ao tema abordado. Foi, ainda, realizada uma análise reflexiva de autores que embasaram o trabalho na Educação Infantil, abordada uma comparação da teoria com a prática pedagógica, pautada pela investigação das necessidades das crianças, suas motivações, aptidões e tendências que se manifestam nas brincadeiras que realizam e como elas se satisfazem ao brincar.

O avanço das ideias facilitou o confronto de perspectivas diferentes de entender o real. Frente à atitude tradicional positivista de aplicar ao estudo das ciências humanas os mesmos princípios e métodos das ciências naturais, começaram a elaborar programas de tendências qualitativas, para avaliar, por

exemplo, o processo educativo, e a propor "alternativas metodológicas" para a pesquisa em educação. (Trivinos 1987, P.116)

EDUCAÇÃO INFANTIL E FASES DO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA SEGUNDO JEAN PIAJET e L.S. VYGOSTSKY

É através das experiências que a criança vivencia desde seu nascimento que ela se desenvolve. Neste contexto, os jogos, os brinquedos e as brincadeiras surgem como experiências da realidade que contribuem para a ampliação de sua visão de mundo e da cultura na qual está inserida. Contribuem, ainda, para a conquista de uma relação adequada com o outro, apoderando-se de novas descobertas. Brinquedos e brincadeiras possibilitam sempre novas explorações, além de permitir as condições necessárias para o desenvolvimento cognitivo da criança, tais como: memória, raciocínio, criatividade, tendo em vista que ela aprende brincando.

As crianças, no decorrer da história da humanidade, eram vistas como *adultos em miniatura*, ou seja, não existia um sentimento de infância. Devido ao alto índice de mortalidade infantil, apegar-se à criança seria se apegar a um ser que, possivelmente, logo não existiria mais. Quando a criança sobrevivia, assim que crescia um pouco, já começava a conviver com os adultos, compartilhando dos seus jogos e ocupações cotidianas. Deste modo, comportava-se e se vestia como os adultos e, a brincadeira, não tinha espaço em sua vida. Todo conhecimento apreendido era ligado a essa convivência.

Somente a partir do advento da Reforma protestante e, em seguida, da contra reforma, que surge o sentimento de infância o qual não existia até então e, conseqüentemente, a necessidade de se cuidar da criança. A partir daquele momento histórico, a educação dos pequenos passa a cargo do Clero que julga a necessidade de se moldar o espírito humano para lhe corrigir as “más tendências”.

Após o século XVIII, com a Revolução Industrial, houve a necessidade de se fundar instituições para atender as mães que ingressavam no mercado de trabalho para atuar nas indústrias emergentes.

As escolas de educação infantil nem sempre foram estruturadas e nem realizavam as atividades do modo como são propostas atualmente. Em seus primórdios, estas instituições possuíam caráter educativo para as crianças advindas das classes poderosas e outra, voltada ao

cuidado e preparação para o trabalho, destinada às crianças oriundas de famílias das classes trabalhadoras.

Diante das circunstâncias, paralelamente, surgem importantes pensadores que, através de seus estudos e observações, perceberam a importância da primeira infância na vida humana. Seus estudos influenciaram, sobretudo, a nova concepção de criança e de infância. Segundo Airès,

As trocas afetivas e as comunicações sociais eram realizadas, portanto, fora da família, num ‘meio’ muito denso e quente, composto de vizinhos, amigos, amos e criados, crianças e velhos, mulheres e homens, em que a inclinação se podia manifestar mais livremente. As famílias conjugais se diluíam nesse meio. Os historiadores franceses chamariam hoje de ‘sociabilidade’ essa propensão das comunidades tradicionais aos encontros, às visitas, às festas. É assim que vejo nossas velhas sociedades, diferentes ao mesmo tempo das que hoje nos descrevem os etnólogos e das nossas sociedades industriais. (ARIÈS, 1981, p.11)

As contribuições de Pestalozzi (1746-1827), Froebel (1782-1852), Decroly (1871-1932), Rousseau (1712-1778), nos séculos XVIII e XIX, foram fundamentais para a mudança de concepções sobre a primeira infância.

Já no século XX, pesquisadores como Jean Piaget (1896-1980) e Lev Vygostky (1896-1934) realizaram estudos e pesquisas demonstrando como ocorre o desenvolvimento infantil nos âmbitos físico, psicológico, social e cognitivo.

Jean Piaget (1896-1980) é um dos pioneiros que, em seus estudos, começou a considerar a criança de maneira intrínseca, com seus métodos e variações próprias e não como sendo um adulto em miniatura. Para Jean Piaget, o conhecimento se dá a partir da interação do indivíduo com o objeto e, no decorrer de suas experiências, vai formando seus esquemas mentais. Conseqüentemente, a partir destes esquemas mentais, o sujeito interage com o novo conhecimento ao qual está exposto, estabelecendo novas relações que levam à assimilação. Ao incorporar o novo conhecimento, alterando o antigo esquema, ocorre o que Piaget chama de acomodação.

De acordo com o autor podemos considerar o desenvolvimento mental como “{...}o desenvolvimento mental é uma construção contínua, comparável à edificação de um grande prédio que à medida que se acrescenta algo, ficará mais sólido{...}” (Piaget 1999 p.14)

Ainda segundo Piaget, o desenvolvimento cognitivo da criança acontece de forma consecutiva, através de estágios bem definidos.

O primeiro estágio, entre o nascimento até os 2 anos, aproximadamente, é denominado estágio sensório-motor e corresponde à etapa na qual a criança progride da ação reflexiva às atividades simbólicas. Nesta fase, a criança se relaciona com o ambiente através dos sentidos e tem os esquemas-motores como primeira forma de expressão.

O segundo estágio do desenvolvimento infantil é o denominado pré-operatório, o qual corresponde à idade entre 2 e 7 anos. Nesta fase, a criança passa a se utilizar de símbolos mentais, imagens, desenhos e palavras, os quais representam os objetos. De acordo com Adriana Klisys e Edi Fonseca (2008),

A imaginação (imagem em ação), amplamente estimulada no jogo simbólico, é uma capacidade que caracteriza o ser humano, que o diferencia das demais espécies. Figuras (imagem) de super-heróis, pais, profissionais e seres fantásticos são vivenciadas na atuação da criança em seu faz-de-conta (ação).

No estágio operatório-concreto, entre 7 e 11 anos, a criança já utiliza o raciocínio lógico em relação a objetos concretos e ordena coisas por número, tamanho ou classe, relacionando tempo e espaço.

No estágio operatório-formal, a partir dos 11 anos, o indivíduo evolui para o pensamento lógico-abstrato, com habilidades para resolver problemas e considerar alternativas. Já apresenta raciocínio lógico-dedutivo e consegue resolver problemas a partir de hipóteses sem a necessidade de manipulação ou presenças reais do objeto. Ao ascender para esta etapa, o indivíduo conquista a forma final que é de equilíbrio, quando se eleva ao padrão intelectual que perdurará até a idade adulta. Nesta fase, a criança desenvolve a sua própria identidade e podem surgir problemas existenciais e dúvidas entre o certo e o errado. Ela defende seu ponto de vista através dos seus próprios valores e daquilo que acredita.

A teoria pedagógica de Piaget (1977), utilizada na prática da educação infantil, requer notoriedade, pois, alguns princípios que a guiam, focalizam a importância da ação, o simbolismo, a atividade de grupo e a integração das áreas do conhecimento, tendo, como eixo central, as atividades corporais.

O sujeito age sobre o objeto, assimilando-o: essa ação assimiladora transforma o objeto. O objeto, ao ser assimilado, resiste aos instrumentos de assimilação de que o sujeito dispõe no momento. Por isso, o sujeito reage refazendo esses instrumentos ou construindo novos instrumentos, mais poderosos, com os quais se torna capaz de assimilar, isto é, de transformar objetos cada vez mais complexos. (Becker 1992)

Em seus estudos, Piaget (apud GOULART, 2005, p. 14), demonstrou que é através do processo de formação de conceitos de causa, tempo e espaço que se torna possível assimilar o mundo exterior. Comprovou, ainda que, cada criança desenvolve de maneira espontânea estes conceitos através de seu desenvolvimento físico e motor e de suas vivências cotidianas.

Entretanto, é importante possibilitar situações de aprendizagem destinadas e compatíveis com cada estágio de desenvolvimento cognitivo em que cada aluno se encontra para obter sucesso no processo de aprendizado de cada um. Mediante este conhecimento, é necessário propor novos desafios e diferentes vivências para que a criança seja confrontada com problemas novos para solucionar.

Segundo Lev Vygotsky (1984), a criança é um ser dinâmico que interage com o meio em que vive e com os adultos, levando-se em conta, ainda, as vivências sociais e culturais com suas particularidades.

{...} as habilidades cognitivas e as formas de estruturar o pensamento do indivíduo não são determinadas por fatores congênitos. São, isto sim, resultado das atividades praticadas de acordo com os hábitos sociais da cultura em que o indivíduo se desenvolve. {...} (Vygotsky 2001 p.9,10)

Para ele, o meio sócio-cultural é o principal mediador do processo de desenvolvimento por proporcionar a construção do conhecimento. Portanto, a aprendizagem acontece por meio das interações que o indivíduo estabelece com o ambiente. Esta inter-relação fator preponderante para seu desenvolvimento.

De acordo com suas contribuições, há dois tipos de desenvolvimento: o desenvolvimento real, que se trata das conquistas já presentes na criança, de forma intrínseca, ou seja, aquelas ações que ela consegue realizar sozinha e o desenvolvimento potencial, o qual se caracteriza por aquilo que a criança consegue fazer com a ajuda do outro e aprende através da convivência, dos diálogos e das interações que realiza.

O espaço existente entre esses dois períodos é chamado de zona de desenvolvimento potencial ou proximal. Neste intervalo, a criança se utiliza de um suporte até conseguir realizar determinada atividade sozinha. Portanto, ainda necessita de apoio para a resolução de um problema, com a tendência a evoluir para atuar de forma autônoma.

Vygotsky comprova que o meio físico e social influi decisivamente para o aprendizado da criança e, sob esta perspectiva, é possível reconhecer que ela, ao ingressar na escola, já possui muitos e importantes conhecimentos adquiridos no meio em que vive. A escola,

portanto, constitui-se em um espaço privilegiado onde os aprendizados serão aprimorados a partir de novas experiências e elementos, os quais permitirão seu avanço nas etapas de desenvolvimento. Decorre destes estudos, o reconhecimento da necessidade de se oferecer

Meios legais necessários ao atendimento e acesso de qualidade

situações de interações entre o meio e os pares. “Conseqüentemente, a história da sociedade na qual a criança se desenvolve e a história pessoal desta criança são fatores cruciais que vão determinar sua forma de pensar.” (Vygotsky 2001 p.10)

Portanto, o brincar, atividade inata a toda criança, surge como elemento fundamental para o trabalho com a primeira infância, pois permite a interação com o meio, com o outro e com a cultura de sua sociedade, de uma maneira que ninguém jamais poderá ensinar.

Através da brincadeira a imaginação se faz presente, permitindo à criança realizar seus desejos, vivenciar experiências, expor seus sentimentos reelaborar suas emoções e organizar as regras do cotidiano real.

1.2 FUNDAMENTAÇÃO LEGAL

Pode-se considerar os meios legais necessários ao atendimento e acesso de qualidade.

Tabela 1

Leis e Diretrizes	Descrição das Leis
<p>Lei de Diretrizes e Bases da Educação 9.394, 20/12/1996</p>	<p>Art.29. A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.</p> <p>Art.30 A educação será oferecida em: I. creches, ou entidades equivalentes, para crianças de até três anos de idade, II. pré-escolas, para as crianças de quatro a seis anos de idade.</p>
<p>Diretrizes Curriculares para a Educação Infantil estabelecidas pelo Parecer CEB nº 022/98</p>	<p>1 – Educar e cuidar de crianças de 0 a 6 anos supõe definir previamente para que sociedade isto será feito, e como se desenvolverão as práticas pedagógicas, para que as crianças e suas famílias sejam incluídas em uma vida de cidadania plena;</p> <p>2.2 Criança: Sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura.</p>
<p>Resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009: Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil</p>	<p>Art. 3º - São as seguintes as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil:</p> <p>I – As Propostas Pedagógicas das Instituições de Educação Infantil, devem respeitar os seguintes Fundamentos Norteadores:</p> <p>a) Princípios Éticos b) Princípios Políticos c) Princípios Estéticos</p> <p>II – As Instituições de Educação Infantil ao definir suas Propostas Pedagógicas deverão explicitar o reconhecimento da importância da identidade pessoal de alunos, suas famílias, professores e outros profissionais, e a identidade de cada Unidade Educacional, nos vários contextos em que se situem.</p> <p>III – As Instituições de Educação Infantil devem promover em suas Propostas Pedagógicas, práticas de educação e cuidados, que possibilitem a integração entre os aspectos físicos, emocionais, afetivos, cognitivo/linguísticos e sociais da criança, entendendo que ela é um ser completo, total e indivisível.</p> <p>IV – As Propostas Pedagógicas das Instituições de Educação Infantil, ao reconhecer as crianças como seres íntegros, que aprendem a ser e conviver consigo próprio, com os demais e o próprio ambiente de maneira articulada e gradual, devem buscar a partir de atividades intencionais, em momentos de ações, ora estruturadas, ora espontâneas e livres, a interação entre as diversas áreas de conhecimento e aspectos da vida cidadã, contribuindo assim com o provimento de conteúdos básicos para a constituição de conhecimentos e valores.</p>

	V – As Propostas Pedagógicas para a Educação Infantil devem organizar suas estratégias de avaliação, através do acompanhamento e dos registros de etapas alcançadas nos cuidados e na educação para crianças de 0 a 6 anos, “sem o objetivo de promoção, mesmo para o acesso ao ensino fundamental”.
--	--

A importância do brincar na educação infantil

Todas as crianças, em geral, possuem a necessidade e o direito de brincar, tratando-se de uma característica da infância garantida por leis (Tabela 1).

A importância do brincar não está no brinquedo ou no material usado, mas sim, na atitude individual e nas relações da criança, bem como, em suas manifestações durante as brincadeiras. Esta prática é composta, ainda, por prazer e satisfação e, a falta destes, pode acarretar, na criança suprimida do direito de brincar, alguns distúrbios de comportamento.

A cada etapa de evolução da criança, o brincar vai se transformando, mas é primordial que seja oferecida a chance de percorrer todas as fases desse brincar. O brinquedo tem importância através de seu caráter investigativo e do aprendizado concreto do mundo exterior, estimulando e utilizando as funções sensorial, motora e emocional. Como função social, a brincadeira estimula o intelecto, gerando oportunidades para que a criança produza e experimente situações emocionais e conflitos cotidianos.

O ser humano possui a capacidade intrínseca para se desenvolver e adquirir novos conhecimentos com a finalidade de assegurar sua sobrevivência e a interagir na sociedade como um ser crítico, dotado de identidade com desejos e necessidades, que são expressos desde os primeiros momentos de vida.

A criança está em constante processo de construção, de descoberta e aprendizado. Através do contato com o meio em que vive, vai adquirindo domínio sobre o mundo através dos anos.

Durante a infância, acontecem interações entre o mundo, o meio e o outro, levando ao desenvolvimento do indivíduo. A infância é reputada como fase das brincadeiras, do lúdico. Brincando, a criança aprende, pensa e examina sua realidade, cultura e o meio em que está inserida, discutindo sobre regras e papéis sociais, reelaborando sentimentos, pensamentos e relações, tendo a oportunidade de vivenciar experiências alheias, desenvolvendo a empatia. O brincar permite a criança desenvolver habilidades psicomotoras, sociais, físicas, afetivas,

cognitivas e emocionais. Através da brincadeira, as crianças exibem seus sentimentos, aprendem, constroem, exploram, pensam, sentem, reinventam e se movimentam.

Brincando a criança adquire um desenvolvimento saudável que vai repercutir em toda sua existência. Através do brincar, conquista domínio sobre seu corpo, estimula seus sentidos e se orienta em ver e fazer.

De acordo com os estudos de Kishimoto (1994, p.21 eat Gomes) “O brincar e o jogo estão interligados ao sonho, à imaginação, ao pensamento e ao símbolo. Assim, a educação para crianças deve ter, por base, o brincar e as linguagens artísticas.”

A autora concebe o ser-humano como ser simbólico, que se constrói coletivamente. Sua capacidade de pensar está atrelada à capacidade de sonhar e imaginar sendo, estes conhecimentos, fundamentais para elaborar a "pedagogia da criança". A autora percebe o jogar como gênese da "metáfora" humana, ou, talvez, aquilo que nos torna, realmente, humanos.

A criança aprende brincando, por isso o universo do saber fica diretamente unido ao do prazer e, sob esta perspectiva, surge uma maior facilidade de assimilação do conhecimento. “Enquanto manifestações livres e espontâneas da cultura popular, a brincadeira tradicional tem a função de perpetuar a cultura infantil, desenvolver formas de convivências sociais e permitir o prazer de brincar.” (kshimoto 200, p.82)

A imaginação leva à ação do pensamento e o movimento faz-se um mediador entre aqueles e os conceitos a serem compreendidos, obedecendo à faixa etária de cada criança, permitindo a assimilação e a interiorização dos fatos vivenciados atuando assim sobre a aprendizagem. “A criança se socializa através da integração dela com o objeto e o ambiente cultural. Segundo que a rodeia, assimilando os seus códigos e o brinquedo tomar-se o objeto mediador da comunicação entre a sociedade e a criança.” (Kshimoto, 2002, p.72)

A infância constitui-se na fase humana de maior desenvolvimento e, neste contexto, a brincadeira vai se estruturando com base no que a criança é capaz de fazer em cada etapa, ou seja, em cada idade, apresenta capacidades e diferentes maneiras de se expressar, comunicar-se e se relacionar com o ambiente sociocultural no qual se encontra.

Durante a infância, a criança constrói novas e diferentes competências nas relações concedidas pelas práticas sociais, permitindo-lhe compreender e atuar de forma cada vez mais ampla no mundo.

2.1 Conceitos de jogos, brinquedos e brincadeiras

Jogos

O Jogo caracteriza-se por um conjunto de regras, cada um com uma finalidade diferente e com objetivos específicos. “Uma das características do jogo consiste efetivamente no fato de não dispor de nenhum comportamento específico que permitiria separar claramente a atividade lúdica de qualquer comportamento.” (Kshimoto 1998, p.21)

Brinquedo

O brinquedo nada mais é que um objeto suporte da brincadeira, voltado para o lazer. Ele pode ser não estruturado, levando ao uso da imaginação, como, por exemplo, ao utilizar pedaços de madeira que se transformam em carrinhos ou cavalos, as caixas de papelão que imaginam ser uma casa, bem como, os brinquedos estruturados, ou seja, aqueles já “prontos”.

Com o brinquedo, espontaneamente, a criança usa sua capacidade de separar significado do objeto sem saber que o está fazendo, da mesma forma que ela o sabe estar falando em prosa e, no entanto, fala, sem prestar atenção às palavras. Dessa forma, através do brinquedo, a criança atinge uma definição funcional de conceitos ou de objetos, e as palavras passam a se tornar parte de algo concreto. (Vygotski, 1991, p.66)

Brincadeira

A brincadeira é um ato de aproveitar o momento, de divertir-se, brincar em grupo ou só, criar e transformar, de forma criativa, para se expressar. Para SANTOS (2008, p. 16) “O brincar já nasce com a criança, é algo espontâneo, e é por meio desse ato que ela desenvolve suas habilidades e acumula conhecimentos. Por isso, se faz necessária no contexto escolar.”

2.2 O papel das brincadeiras, dos jogos e dos brinquedos no desenvolvimento infantil

De acordo com Brougère, 1998, as aprendizagens acontecem nos seis primeiros anos de vida em uma escala intensamente maior do que em qualquer outra fase do desenvolvimento humano e, neste ciclo, a brincadeira torna-se ferramenta fundamental para que o desenvolvimento aconteça.

Através da brincadeira, a criança dispõe de meios para se relacionar com o mundo e participar, ativamente, das experiências e das tomadas de decisões.

Durante as brincadeiras, a criança tem a possibilidade de optar por brincar ou não e esta é a característica mais significativa da brincadeira, a qual permite oportunidades de desenvolver a autonomia, a criatividade e a responsabilidade quanto às próprias ações.

Segundo Piaget (1975), existe uma forte ligação entre o brincar por meio do jogo e o desenvolvimento do indivíduo. Para ele, o jogo constrói a forma de atividade inicial de quase toda atitude, ou, pelo menos, um exercício prático desse comportamento. Seus estudos diferenciam, ainda, uma mudança de grau mutável, das relações de equilíbrio entre o real e o eu. Considera o jogo como o predomínio da assimilação sobre a acomodação. Tais mecanismos acometem em direção a equilíbrio do sujeito. Esse processo, ligado à maturação, à experiência física e às relações sociais, são encarregados do desenvolvimento e aprendizagem de qualquer criança. Nesse caso, não se pode pensar em jogo/brincadeira sem desenvolvimento e, conseqüentemente, aprendizagem.

Antunes (2003, p.30) enfatiza que:

É essencial que a educação infantil seja plena de brincadeiras que gratifiquem os sentidos, levam ao domínio de habilidades, despertam a imaginação, estimulam a cooperação e a compreensão sobre regras e limites, respeite, explore e amplie inúmeros saberes que toda criança possui quando chega à escola.

Segundo as concepções de Piaget, existem quatro estruturas básicas de jogos infantis, que vão ocorrendo e acontecendo na ordem: Jogo de exercício, Jogo simbólico/dramático, Jogo de construção e Jogo de regras.

O jogo de exercício qualificado pela repetição dos movimentos simboliza a forma inicial do 0 a 2 anos, e segue o indivíduo por toda a sua vida. Segundo Piaget e Inhelder (2009), a primária forma de jogo que se manifesta no período sensório-motor é o jogo de exercício, o qual não abrange qualquer simbolismo nem possui uma técnica lúdica particularizada. Resume-se na repetição pelo prazer às atividades, cuja finalidade é a adaptação. Na descoberta da possibilidade de balançar o chocalho colocado preso no berço, a criança representa o movimento para adaptar-se a ele e para compreendê-lo. À primeira instância, isto não se constitui um jogo, mas, a partir do momento em que ela repete esta

conduta por “prazer funcional” ou pelo prazer de ser a causa do ruído, pode-se dizer que se trata de um jogo.

O jogo simbólico aparece ligado com a função simbólica no intento de determinar a diferença do significado e do símbolo. O jogo simbólico não se trata somente de assimilação do real ao eu, como o jogo em geral, mas sim, uma assimilação legitimada por uma linguagem simbólica, feita pelo eu e mutável de acordo com as necessidades. Segundo Piaget (apud GOULART, 2009), os conflitos afetivos são aqueles que surgem no jogo simbólico. Assim sendo, uma cena presenciada durante o almoço, por exemplo, pode ser representada mais tarde durante a brincadeira de bonecas levando a uma resolução mais feliz. Nessa situação, a criança pode utilizar com sua boneca cuidados mais inteligentes que os dos pais ou, ainda, expressar, no jogo, o que seu amor-próprio a impossibilita de aceitar à mesa (como acabar um prato de sopa que não está gostosa).

O jogo de regras revela-se a partir dos 04 anos de vida com o caimento do simbólico. Por volta dos 7 até os 11 anos, a criança já passa a se interessar pelas regras (estágio operatório-concreto). O jogo de regras passa a ter importância a partir do momento em que a criança desenvolve as habilidades para compreender a delimitação espaço-temporal, o tipo de atividade válida para a resolução de um problema e, ainda, o que pode e o que não pode fazer, assegurando-se já de certa estabilidade que ordena a ação tornando-a orgânica. Jogos de regras são assim constituídos: bola – de – gude, amarelinha, esconde-esconde, boca – de – forno, dentre outros. Existe um extenso espaço de desenvolvimento até o momento em que a criança compreende que, se não acatar os limites estabelecidos pelos parceiros (as regras), ela será eliminada do jogo.

Os jogos de construção começam integrados de simbolismo e, com o passar do tempo, passam a constituir verdadeiras adaptações (construções mecânicas, por exemplo) ou expressam soluções para problemas e demonstram criações inteligentes. Esses jogos surgem no início da adolescência e permanecem na maioria das vezes até a idade adulta.

Quando as brincadeiras possuem fins específicos, pedagógicos e são prazerosas, conduzem a criança na interação com o meio e a um nível de aprendizagem superior, fazem a diferença na experiência presente e futura, influenciando, de maneira única, na formação integral do indivíduo.

As crianças brincam em qualquer lugar e com qualquer coisa, mas há uma diferença em relação à brincadeira espontânea e aquela pensada previamente. Durante a brincadeira espontânea, a criança expressa seus sentimentos, emoções, sua criatividade e aptidões. Já a brincadeira proposta pelo adulto, apresenta uma intenção pedagógica, com objetivos específicos para aquele momento, ofertando possibilidades de desenvolvimento da autonomia e explorações múltiplas a fim de criar e recriar a cultura lúdica, bem como, possibilitando a interação entre os pares.

Para que a interação entre as crianças aconteça, é importante observá-las, definir as intenções educativas, envolvê-las nas escolhas das atividades e dos materiais e no planejamento do ambiente, envolvendo, também, as famílias e as suas comunidades, destacando-se, ainda, a importância da ação cooperativa entre as professoras e as equipes das creches. É a somatória destes fatores, aliada às concepções, ao planejamento, ao espaço, ao tempo e aos materiais, bem como, a liberdade de ação da criança e a intermediação do adulto, que levam ao sucesso da ação educativa, proporcionando uma educação de qualidade para a primeira infância. A presença dos brinquedos e brincadeiras é fator preponderante na qualidade e excelência na educação infantil.

O brinquedo é um fomentador inato do jogo. Através dele, as crianças dispõem de tempo de descontração, alegria e gozo e, com isso, suas capacidades e competências são desenvolvidas involuntariamente. “Os brinquedos são, um a um e ao mesmo tempo, os instrumentos de atividades lúdicas e as ferramentas com as quais as crianças desenvolvem suas habilidades motoras finas e de movimentos amplos”. (Eckert 1993)

Escolher cada tipo de brinquedo é essencial para o desenvolvimento da criança. É necessário se desfazer de uma visão fragmentada da infância para pensar na criança de maneira integral, a qual, em sua singularidade, utiliza-se da liberdade que lhe for oferecida para selecionar um brinquedo e, através da mediação do adulto ou de outra criança, aprende novas brincadeiras e maneiras de brincar.

O brincar é inerente ao ser humano, contudo, a criança não nasce sabendo as brincadeiras e jogos, isso só se dará através das interações entre com outras crianças e os adultos. No contato com objetos e brinquedos, ela percebe certas formas de uso desses materiais e, a partir da observação de outras crianças e da intervenção da professora, novas brincadeiras e regras são aprendidas. Assim que aprende, tem a possibilidade de recriar ou

reproduzir novas brincadeiras, garantindo, desta forma, a circulação e preservação da cultura do brincar.

De acordo com KISHIMOTO 2013:

O ser humano requer o desenvolvimento social por meio de ambientes de bem estar e de inserção social, por meio de inúmeras práticas como o uso dos recursos existentes na natureza ou de materiais descartáveis como caixas de papelão para produzir brinquedos e brincadeiras que garantam essa sustentabilidade.

A seleção de brinquedos deve ser criteriosa e engloba vários aspectos segundo o livro Brinquedos e brincadeiras nas Creches. MEC 2012:

Tabela 2 – Características a serem observadas nos brinquedos para cada faixa etária infantil:

Características a serem observadas	Descrição das características
Tamanho	O brinquedo, em suas partes e no todo, precisa ser duas vezes maior e mais largo do que a mão fechada da criança (punho)
Durabilidade	O brinquedo não pode se quebrar com facilidade — vidros e garrafas plásticas são os mais perigosos
Cordas e cordões	Esses dispositivos podem se enroscar no pescoço da criança
Bordas cortantes ou pontas	Brinquedos com essas características devem ser eliminados
Não tóxicos	Brinquedos com tintas ou materiais tóxicos devem ser eliminados, pois, o bebê os coloca na boca.
Não inflamável	É preciso assegurar-se de que o brinquedo não pega fogo
Lavável	Feito com materiais que podem ser limpos: essa recomendação se aplica especialmente às bonecas e brinquedos estofados
Divertido	É importante assegurar que o brinquedo seja atraente e interessante

2.3 Brincadeiras e brinquedos de acordo com a faixa etária

É necessário selecionar brinquedos, de acordo com os eixos norteadores das práticas pedagógicas, brincadeiras e situações as quais podem ser utilizadas de acordo com cada faixa etária. É importante, além dos brinquedos e brincadeiras disponibilizados para as crianças, planejar o espaço físico e ações intencionais que vêm a favorecer um brincar com qualidade.

Assim de acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2010), alguns bebês chegam à creche, bem novinhos. Destes, alguns, ainda permanecem deitados, outros, sentam-se, engatinham e evoluem para o caminhar. Por estes motivos, esta faixa etária requer uma atenção maior, mais acolhimento e carinho, porém, em todas as fases da infância, é necessário que se planeje o ambiente para a sua educação e desenvolvimento de modo que se priorize os brinquedos e as brincadeiras para que suas experiências tenham uma maior proporção de aprendizado e prazer.

A interação no primeiro ano ocorre com outros bebês, com crianças maiores e com a professora. O bebê se movimenta pelos espaços, os quais devem planejados para atender seus anseios, necessidades e interesses e que proporcionem oportunidades para exploração de brinquedos e materiais, utilização do corpo, da boca, das mãos e dos sentidos, engatinhem ou andem em direção aos objetos expostos e às pessoas ao redor, envolvendo-se com as coisas que lhe chamem a atenção.

Nos primeiros anos de vida a interação do bebê é bastante limitada e suas possibilidades de exploração são reduzidas á medida que descobre novas possibilidades de movimento, novas capacidades perspectivas e motoras vão se desenvolvendo {...}(Craidy e Kaercher 2001 p. 90)

É fundamental que o espaço seja planejado de forma que seja possível a interação com a educadora através de conversas, primeiro com a troca de olhares, sorrisos, balbucios, gestos e, mais tarde, através da linguagem oral. Os bebês são curiosos inatos, o que lhes permite explorar buracos, caixas, túneis ou coisas para entrar, repetir ações como empilhar, bater, puxar ou empurrar, colocar e tirar objetos, olhar objetos brilhantes, coloridos e coisas que se movimentam ou produzem sons. Apreciam e necessitam subir, descer, entrar e sair, rolar e gatinhar muito.

O interesse da criança pelo brinquedo pode variar. Para um bebê que engatinha, as sugestões podem também servir para outro que ainda não se locomove e começa a ficar

sentado. Recomenda-se sempre dispor de uma variedade de sugestões de brinquedos apropriados à característica de cada bebê. Brinquedos para experiências visuais e motoras como: lenços coloridos, vermelhos, de preferência, sonoro (que podem produzir sons, como instrumentos musicais), ou que fazem movimentos e resplandecem, criam encantamento aos bebês, tomando sua atenção tornando evidente o prazer por aquele movimento dos braços e pernas. Pode-se dizer que o principal brinquedo interativo do bebê é o contato físico com a professora pelo olhar, o toque e o movimento.

De acordo com Craidy e Kaercher (2001) “O bebê exercita seu corpo e suas habilidades motoras através de funções básicas tais como agarrar, sacudir, morder, chupar e lançar, repetindo-as na busca de efeitos e procurando aperfeiçoá-las.”

O brincar de fazer carinho e olhar para o bebê, deixá-lo responder com outro olhar, aconchegá-lo no colo e fazer movimentos com ritmos, ou, ainda, balançar para frente e para trás, suavemente, na rede ou em um lençol, com ou sem a ajuda, favorece oportunidades para a vivência de diferentes experiências, além do favorecer o estabelecimento de vínculos com as professoras e, ainda, transmitem segurança e tranquilidade ao bebê. Há inúmeras brincadeiras que pode ser realizadas com o bebê para estimular seus sentidos, produção de sons, desafio para exploração motora e músicas.

Para os bebês que já se sentam, sua a forma de explorar o ambiente é levando objetos à boca, em especial, quando estão nascendo os dentes. Assim, é possível oferecer mordedores, os quais possuem diferentes formatos e cores e oferecem conforto, podendo ser utilizados para explorar e brincar.

No momento do banho na banheira, a interação do adulto com o bebê através das conversas, da atenção total à atividade, das trocas de olhares, favorece o fortalecimento do vínculo entre ambos já é por si só, uma atividade lúdica de fundamental importância para a formação desse bebê.

Em dias de maior temperatura, deixar os bebês se divertirem em bacias com água e esponjas, sabonetes, canecas, potes, bonecas, no parque ou solário, em ambientes externos, protegidos do sol excessivo, para que possam brincar e apreciar o entorno.

Com o passar do tempo, novos desafios devem ser propostos para os bebês. Para eles, é bastante complexo ter que pegar dois brinquedos ou objetos ao mesmo tempo, por isso, é

preciso deixar que eles próprios tentem até conseguirem realizar a tarefa. Assim, por volta do sétimo mês, é importante oferecer dois objetos iguais como blocos, bolas de pingue-pongue ou contas de madeira e observar se pegam um em cada mão. De início, eles largam um objeto para pegar o outro, contudo, logo percebem que não precisam largar e vão pegar um bloco em cada mão para bater e fazer ruído. Isto é uma grande conquista nesta fase, o que estimula além dos sentidos, o desenvolvimento da autoconfiança e da autoestima.

A criança pequena, além das experiências com os objetos, vive muitas experiências relacionadas com situações da vida cotidiana. Essas experiências lhes permitem formar esquemas que a ajudam a prever e a antecipar o que é natural que aconteça em determinada situação na qual esteja desenvolvida {...} (Bassedas, Hugute, Solé 1999 p.26)

O papel do adulto cuidador é de observar sistematicamente o bebê para, assim, ir oferecendo, de forma gradual, situações adequadas ao grau de complexidade à medida que os bebês vão ampliando suas experiências. Um simples papel serve para que o bebê vivencie múltiplas experiências. Se o amassa, percebe que faz barulhos, se coloca na boca, fica molhado, se o rasga, muda de tamanho, forma, etc. Para isso, pode-se usar, por exemplo, papel celofane colorido, pois proporciona ruídos diferentes e suas cores e transparência, além de encantar a criança. Os tapetes sensoriais são outras ferramentas importantes e podem conter argolas para a criança puxar, objetos que produzam diversidades de sons, tecidos de diferentes texturas e cores, aberturas que permitam abrir, enfiar os dedos e as mãos, bem como, materiais diversos e desafiadores.

Brinquedos que encaixam proporcionam ricas situações de desenvolvimento cognitivo, pois podem formar e se transformar em diferentes objetos. Através deles, as crianças desenvolvem a criatividade, formam coisas do cotidiano como torres, carros, casas, figuras humanas, e outros e, pela sua característica de blocos, podem montar e, depois, derrubar. Os bebês, ao adquirirem firmeza e se sentarem, já brincam com este tipo de material.

Nos jogos de construção a criança coloca em ação a sua inteligência prática através de ordenações sobre objetos. Tais jogos são responsáveis por inúmeras aquisições primordiais para o desenvolvimento motor e intelectual do indivíduo tais como a classificação, a seriação, o equilíbrio, as noções de quantidade e peso, bem como a discriminação de formas e cores. (Craidy e Kaercher 2001 p. 91)

O desafio e a lógica são habilidades que esses brinquedos oferecem, além de exigirem uma grande concentração. É importante, ainda, colocar diferentes objetos em um recipiente de plástico e deixar que a criança brinque de colocar e tirar.

Quando o bebê bate tampas de panela ou brinca de bate-pino, sente-se muito feliz e satisfaz sua necessidade de descobrir o que esses objetos são capazes de fazer, ao mesmo tempo em que usufrui dos sons produzidos ao bater.

Ao jogar uma bola no chão para ver o que acontece, é fundamental que o adulto verbalize para a criança que ainda não fala o que está acontecendo. Assim, pode dizer: “Olhe, a bola está rolando”, “O brinquedo caiu debaixo do armário”, “A bola está pulando”.

A brincadeira do ‘esconder e achar’ nos seus aspectos cognitivos e afetivos, mostra a evolução do relacionamento com o objeto, o realizado reconhecimento do não-eu, que é ao mesmo tempo realidade física, objetivamente percebida, e realidade emocional{...} Mostra enfim que atividades infantis aparentemente situáveis em uma relação solitária entre criança e objetos são dotadas de qualidades sociais e valores comunicativos. (Bodioli, Mantovani 2003 p.219)

Brincadeiras repetitivas são importantes, pois levam a criança a assimilar o que é possível fazer com o objeto, e auxilia a compreensão da linguagem.

Os chocalhos são bem interessantes nos primeiros meses de vida, e há disponível, modelos variados para chacoalhar. São diversas formas, cores, tamanhos, formas e texturas disponíveis.

Os bebês desde pequenos já conseguem se interagir e comunicam-se uns com os outros. Nestes momentos, o professor não deve intervir, mas, apenas, cuidar para que um não machuque o outro pela falta de coordenação de suas ações.

Para os bebês que engatinham, é interessante oferecer caixas de papelão com furos, pois permitem grandes desafios. Eles brincam engatinhando e entrando na caixa. Para que se torne ainda mais divertido, a professora pode vivenciar, com eles, a atividade. Assim que o bebê passa a ampliar suas habilidades de engatinhar, experiências novas devem ser proporcionadas: subir e descer num pequeno declive, andar na grama ou na areia. Utilizar caixas de papelão, sem tampa ou com tampa (caixa de sapato ou de lenços) com um buraco onde caiba a mão do bebê. Lá dentro, colocar brinquedos pequenos ou objetos que fazem ruído como sininhos amarrados em tecidos que possam ser puxados.

Algumas estruturas de espumas com superfícies firmes e macias possibilitam subir, descer e entrar em buracos proporcionam espaços desafiadores e interessantes com diversas possibilidades à exploração pelas crianças. Ampliam os desafios do ambiente com atividades que levam às explorações sensório-motoras.

Para as crianças que iniciam seus primeiros passos, os brinquedos de puxar apresentam importantes oportunidades. Um carrinho de madeira adequa-se tanto para empurrar quanto para puxar.

Assim estão apresentados no Manual de educação Infantil (2003): “os jogos de manipulação são praticados a partir do contato da criança com diferentes materiais, movida pelo prazer que a sensação tátil proporciona”.

Os brinquedos considerados como “brinquedos de afeto” são: ursinhos de pelúcia, pedaços de pano ou de cobertor ou a boneca preferida. Tais objetos proporcionam tranquilidade e segurança às crianças.

As bolas, de diversos tamanhos e materiais, apresentam características que possibilitam à criança apertá-las, perceber formatos, distinguir cores, texturas, observar como quicam e rolam ao caírem no chão.

São exemplos de brincadeiras para as crianças que começam a caminhar: brincadeiras que envolvam o próprio corpo, utilizando-se de variados movimentos, exploração dos sentidos, explorando diferentes sons, cores, texturas, sabores e aromas, despertando a sensibilidade. Materiais como argilas, tintas, carvão, sachês com ervas aromáticas e materiais que produzem ruídos diversos, devem ser oferecidos constantemente.

A organização de cenários e ambientes mais pensados sob a concepção de que a criança deva brincar sempre, possibilitam a exploração, a socialização e a resolução de problemas que envolvem e ampliam as experiências das crianças.

O imitar alguém é rotineiro na primeira infância, principalmente naquelas situações em que sua atenção é despertada. Com uma colher à mão, brincam de dar de comer ao seu ursinho. Colocam panos na cabeça, apreciam vestir roupas dos adultos ou de super-heróis. Brincam de casinha, com uma tampa se imaginam dirigindo um carro e, tendo oportunidade, dão vasão à sua imaginação inventando situações ou reproduzindo as atitudes dos adultos, principalmente, de sua família. “A criança realiza imitações das ações que observa, utilizando

modelos que estão próximos a ela. Observa atentamente os gestos e ações das pessoas e depois reproduz de forma simplificada”. (Bodioli, Mantovani 2003 p.93)

No segundo ano de vida, as crianças já possuem bastante autonomia em seus movimentos e cuidados pessoais, já se utilizam de alguns materiais mais estruturados para a prática de atividades manipulativas e físicas. Assim, o ambiente deve ser propício à autonomia do brincar e às oportunidades para aprender e se organizar.

Nesta fase, apreciam estar juntas e, levando isso em consideração, faz-se necessário priorizar atividades através das quais possam brincar coletivamente.

{...} desde o início, o jogo possui uma qualidade social de alegre troca entre adulto e criança na qual, através de adaptações recíprocas, descobrem-se significados compartilhados. Essa qualidade social se mantém também mais adiante, seja quando a criança amplia a sua atenção ao mundo dos objetos (exploração do ambiente, a partir daquela ‘base segura’ constituída pela figura adulta interiorizada) seja quando começa a compartilhar a sua própria brincadeira com outras crianças. (Bodioli, Mantovani 2003 p.93)

Existem brinquedos que podem ser usados, tanto na área interna quanto na área externa e em qualquer clima como, por exemplo, o escorregador. Para fazer um túnel de uma forma divertida pode-se usar uma caixa com um furo nas duas extremidades e cobrir com um pano. Neste brinquedo, a criança poderá entrar e sair, arrastar-se para fora e dentro e, até mesmo, brincar de esconde-esconde.

As brincadeiras de rolar, dar cambalhotas ou se arrastar tornam-se interessantes e importantes no desenvolvimento. Nestas atividades, os colchonetes podem ser bons recursos, pois amortecem os impactos com o solo.

A criança pode e deve andar livremente pelos espaços da escola, portanto, é importante que esse espaço permita o acesso entre as áreas internas e externas, de forma que não haja riscos de colisões entre bicicletas, carrinhos ou crianças maiores.

Aos três anos as crianças despertam a consciência de quem são e aprendem a conviver em grupo, fazendo negociações, já sabendo explicar aquilo que fazem. Possuem um repertório caracterizado por múltiplas experiências: manipulam objetos, constroem formas e figuras e verbalizam o tempo todo sobre o que fazem ou pensam. Nesta fase, a linguagem se desenvolve e as brincadeiras imaginárias tornam-se frequentes. A fala da criança torna-se um guia de seu pensamento e de expressão de suas ações. “O jogo de faz-de-conta até mesmo nas

suas fases embrionárias, possui peculiaridades emocionais e afetivas que foram salientadas principalmente pela literatura psicanalítica” (Bodioli, Mantovani 2003 p.220)

Como nesta idade, a fala é bastante desenvolvida, é preciso o cuidado de se priorizar não somente esta, mas também, as outras e múltiplas linguagens da criança, a fim de ampliar suas formas de expressão.

Para esta etapa, é importante que o ambiente seja e esteja tranquilo, sem muito barulho, permitindo a compreensão da fala da professora e das outras crianças, mesmo durante as brincadeiras movimentadas.

Os cestos de tesouros são ferramentas importantes neste contexto e podem ser recheados com diversos objetos: pedaços de pano de veludo, lamê, laços, sedas, bordados e adornos de estofados ou conchas do mar, sementes grandes, folhas, palhas, seixas ou caixas decoradas, dentre outros objetos que estimulem os sentidos e a imaginação. Cestos e estantes com livros e revistas devem, ainda, estar à disposição.

As crianças gostam de imitar e dar vazão à imaginação, por isso, um dos itens importantes são as fantasias. Com elas, vão assumindo personagens e entrando no mundo fantástico dos reis e princesas, dos monstros e bruxas, dos super-heróis e animais de reinos encantados, bem como, vivenciam cenas cotidianas, imitando seus pais e outros adultos, colocando-se no lugar do outro e reelaborando sentimentos e sensações.

Quando não há fantasias na escola, é interessante envolver os pais para fabricarem ou providenciarem diversas roupas e acessórios, de forma conjunta, pois esta brincadeira não visa apenas o aspecto econômico, caracterizando-se, ainda, como um meio de conscientizar e integrar os familiares na tarefa de estimular o lúdico da criança e aprimorar seu imaginário.

A contação de histórias deve fazer parte da rotina diária das turmas. É importante deixar os livros à disposição das crianças e, sempre que possível, envolver os pais e familiares na atividade, através de projetos e, ainda, emprestando livros para que as crianças levem para casa e compartilhem as histórias com os familiares.

Observa-se que a capacidade de imaginação transforma sensivelmente a forma de interação da criança com o mundo. Ela passa a inventar o mundo sugerindo novas maneiras de interpretá-lo o que caracteriza um novo tipo de atividade lúdica denominada jogo simbólico.(Bodioli, Mantovani 2003 p.92)

Desde a mais tenra idade, as crianças já apreciam a música e atividades relacionadas à sons, ritmos e melodias devem ser priorizadas em todo trabalho voltado à primeira infância. Aos três anos, já possuem e dominam um bom repertório de canções infantis, dançam e acompanham o professor, o pai, a mãe ou convidados que toquem algum instrumento musical. Por isso, é de intensa relevância se utilizar da música para os trabalhos nesta faixa etária.

De acordo com os RCNEI, (1998, v.3, p.44)

A integração entre os aspectos sensíveis, afetivos, estéticos e cognitivos, assim como a promoção de interação e comunicação social, conferem caráter significativo à linguagem musical. É uma das formas importantes de expressão humana, o que por si só justifica sua presença no contexto da educação, de um modo geral, e na educação infantil, particularmente.

Atividades muito abrangentes nestes primeiros anos de vida são com a manipulação de alimentos diversos, seja de observação ou no preparo de receitas acessíveis. Misturas feitas pelas crianças com água, açúcar, sal, farinhas, com a oportunidade de experimentar as produções. É interessante propiciar condições para se preparar sucos, gelatina, cereais, saladas de frutas e verduras, legumes, bolos, tortas, dentre outros para degustações, observar as características e, ainda, envolver outros aprendizados em diversas áreas do conhecimento como: pesos e medidas não convencionais, quantidade, sabores, cores, aromas, texturas e cuidados com higienização.

Sempre com a supervisão da professora, é possível e fundamental misturar terra, areia, argila, água, farinha, tinta, óleo, para ver o que acontece e, ainda, fazer desenhos e marcas com estas misturas.

2.4 A organização do espaço da instituição de Educação Infantil

Para dias de alta temperatura, as áreas externas necessitam ser cobertas ou, mesmo, sombreadas.

Os espaços na creche precisam ser pensados de maneira que a criança tenha a possibilidade de se desenvolver plena e integralmente. Dessa maneira, ao planejar o espaço para as brincadeiras, é fundamental utilizar brinquedos e materiais que ofereçam desafios motores e cognitivos para todas as idades.

Há a possibilidade de se preparar circuitos com diferentes materiais, como: tábuas de diversos tamanhos e espessuras, caixotes, mesas, bambolês e cordas que permitam subir, descer, entrar em túneis, pular obstáculos ou escorregar. É necessário, ainda, organizar um espaço exclusivo para organização e proteção de materiais e objetos de brincadeiras.

É importante prezar para que o espaço e os brinquedos atendam as necessidades das crianças.

Aquilo que é de grande interesse para um bebê deixa de interessar uma criança um pouco maior. A maturação das necessidades é um tópico predominante nessa discussão, pois é impossível ignorar que a criança satisfaz certas necessidades no brinquedo. Se não entendemos o caráter especial dessas necessidades, não podemos entender a singularidade do brinquedo como uma forma de atividade. (Vygotsky 1991 p.69)

As mesas para as crianças pequenas brincarem com diversas atividades envolvendo as mãos como: miniaturas, massinha de farinha de trigo, carimbos de desenhos com legumes e frutas ou tintas diversas, podem comportar entre 6 a 8 crianças. Já as tradicionais mesas para pré-escola, acolhem somente até 4 crianças.

Na parte externa, que deve estar protegida do sol, é necessário disponibilizar um tanque de areia com torneira próxima para ‘molhar’ a areia e fazer bolinhos. Este tanque deve ter área mínima de 15m² com profundidade de 30cm. Preferencialmente, as muretas em torno do tanque de areia devem ter a largura de 25 cm e estarem ao nível do chão. Para protegê-lo, é preciso utilizar redes ou lonas removíveis para se evitar fezes de animais ou resíduos de folhas e outros materiais nocivos, higienizando o tanque com solução de cloro a cada 15 dias.

Ao lado do tanque de areia, disponibilizar um espaço com água: tanque baixo com torneira, uma pequena piscina ou várias bacias grandes ou mangueira para brincar com água nos dias quentes. A areia, junto com a água, permite a criação de novas e significativas brincadeiras. Se possível, criar uma parede próxima da área da água, com azulejos brancos proporciona oportunidades para fazer pinturas coletivas ou individuais, podendo utilizar a mangueira para lavar os desenhos e refazê-los novamente.

É preciso, ainda, dispor pelo espaço suportes como mesas e materiais diversos para a produção de tintas variadas que possibilitem produções coloridas e muito criativas. “No brinquedo, a ação está subordinada ao significado; já, na vida real, obviamente a ação domina

o significado. Portanto, é absolutamente incorreto considerar o brinquedo como um protótipo e forma predominante da atividade do dia-a-dia da criança.” (Vygotsky 1991, p.70)

Sugere-se construir cabanas e túneis com cobertores ou toalhas presas por pregadores sobre dois fios de nylon. Dentro dessas cabanas, é possível contar histórias, brincar de faz de conta e de esconde-esconde. Estes espaços podem ser criados no parque, na sala, no pátio e até nos corredores, prendendo os fios de nylon nos galhos das árvores ou junto aos cantos dos muros. São espaços móveis que surgem e desaparecem conforme os projetos de brincadeiras das crianças.

As crianças apreciam muito ajudar a montar e demonstrar o espaço e, com isso, divertem-se, aprendem e tem oportunidade de solucionar problemas como por e retirar pregadores.

Os brinquedos e materiais devem sempre estar ao alcance das mãos e olhos das crianças, principalmente aqueles considerados “*de afeto*”. Desta forma, há a possibilidade de agir com autonomia e segurança afetiva, com liberdade para encontrar o que necessitam em cada momento do dia, de maneira independente.

Um bom ambiente educacional deve disponibilizar uma área com diferentes materiais propícios a atividades com tinta, papel, lápis, cadernos, adesivos para recados, agendas, calendários, cartões e computadores.

O propósito, como objetivo final, determina a atitude afetiva da criança no brinquedo. Ao correr, uma criança pode estar em alto grau de agitação ou preocupação e restará pouco prazer, uma vez que ela ache que correr é doloroso; além disso, se ela for ultrapassada experimentará pouco prazer funcional.(Vygotsky 1991, p.71)

2.5 Papel do adulto na brincadeira com objetos e na organização e reorganização dos espaços e brinquedos

O adulto é aquele que, sob sua concepção de criança e de aprendizagem, planeja o ambiente, pensando cuidadosamente no espaço, na organização, na disponibilidade dos brinquedos e materiais e no envolvimento dos pequenos visando o desenvolvimento das habilidades físicas, cognitivas, emocionais e de compreensão e respeito a regras e normas de convivência, cooperação e de utilização dos espaços e materiais disponíveis.

A imagem de infância é reconstituída pelo adulto, por meio de um duplo processo: de um lado, ela está associada a todo um contexto de valores e aspirações da sociedade, e, de outro, dependente de percepções próprias do adulto, que incorporam memórias de seu tempo de criança.(Kishimoto p.110)

O papel do educador é de selecionar e organizar brinquedos convencionais e não convencionais como: latas, canudos de papelão, latas, caixas de diversos tamanhos, sacolas que não ofereçam riscos, bacias, painéis ou tampas e envolver as crianças nas atividades de recolher os materiais espalhados, guarda-los nos locais propostos ou pendurá-los em ganchos. Nestes momentos, não é necessário estimular ou elogiar o que a criança faz, mas estar sempre atento caso a criança demonstre que está precisando de orientação, estiver aflita ou se houver alguma perturbação ou discussão entre os colegas com riscos de agressões, daí, sim, a necessidade de intervenção por parte do adulto.

Quando ajudam a professora a organizarem os materiais usados, a criança, não somente se apropria da habilidade de organização externa, mas, também, internamente. Assim que terminarem de brincar, é preciso colocar todos para auxiliar a organizar o ambiente. É importante, ainda, observar aquelas que estiverem entretidas e muito envolvidas no brincar e permitir, na medida do possível, que permaneçam à vontade para desfrutar do momento.

Para demonstrar como se guarda os materiais, é preciso realizar juntamente com as crianças a atividade para que aprendam como se guarda na caixa, na sacola, ou nos locais apropriados, ou, ainda, como se classificam objetos iguais no mesmo recipiente. Nestes momentos, tão ricos em aprendizagens, elas começam a perceber diferenças e semelhanças e vivenciam experiências, inclusive, com a matemática.

Agrupar as crianças para brincarem com os objetos é uma boa opção para que possam observar umas as outras a manipularem os objetos e ampliar suas experiências. Para estes momentos, o ambiente precisa ser tranquilo, evitando-se excesso de crianças.

Preparar um ambiente que permita a ocorrência da brincadeira e possa expressar a individualidade é um fator relevante. Estruturar um espaço contendo mobiliário, brinquedos e materiais condizente com o tema que as crianças vão brincar e enriquecido com a interação da professora qualifica a brincadeira.

Meninos e meninas devem ter a mesma oportunidade para brincar com todos os materiais disponíveis: carrinhos, bonecas, jogos de construção, pessoas de outros grupos culturais com sua diversidade de materiais, brincadeiras e brinquedos. Tudo isso contribui para ampliar as experiências lúdicas e sociais nas crianças. Para Kshimoto (2002, p.125) “O brinquedo denominado quebra-cabeça torna-se um jogo educativo quando se lhe associa o ensino, quando se pretende ensinar formas geométricas de uma forma lúdica pela manipulação desse objeto.”

Para tornar a brincadeira como atividade principal da criança, com impacto positivo em sua educação e na ampliação de suas experiências, é importante que o espaço seja criteriosamente organizado e a seleção de materiais e objetos corresponda ao propósito primordial de estimular a imaginação e as múltiplas experiências.

Ao atender necessidades infantis, o jogo infantil torna-se forma adequada para a aprendizagem dos conteúdos escolares. Assim, para se contrapor aos processos verbalistas de ensino, à palmatória vigente, o pedagogo deveria dar forma lúdica aos conteúdos.(Kshimoto, 2002, p.119)

O mobiliário para as áreas de faz de conta pode conter camas, sofás, bancos, mesas, fogão, estante, com caixas de leite de papelão. Não basta apenas ser um ambiente estruturado, tendo em vista a importância da intervenção da professora para ampliar a qualidade do brincar. É preciso observar constantemente o interesse das crianças e as práticas do universo profissional da comunidade, de modo a criar outras brincadeiras de faz de conta ou fazer mediações. A orientação verbal ajuda a criança a compreender o roteiro da brincadeira.

O brincar livre proporciona às crianças, meios para, sozinhas, experimentarem e ensaiarem diferentes formas de brincar, entretanto, é o brincar em ambientes estruturados, com a participação do adulto e de outras crianças, que permite a interação com o outro e oferece maior complexidade ao brincar com qualidade. “Mais que um ser em desenvolvimento com características próprias, embora transitórias, a criança é vista como ser que imita e brinca, dotada de espontaneidade e liberdade.” (Kshimoto, 2002, p.120)

O adulto deve atuar como parceiro da brincadeira, observando atentamente para perceber e atender às necessidades que surgem. Assim, através da observação atenta, pode reorganizar o ambiente, substituir um objeto e incluir um novo para que haja a evolução da criança de uma etapa a outra, de um conhecimento mais simples para um mais complexo.

Por volta dos três anos, as crianças já percebem como as pessoas diferenciam brinquedos de meninas e meninos: o menino pode começar a se apropriar de preconceitos de gênero e não querer brincar com boneca, a menina pode não querer brincar com carrinho, porque ouviu alguém dizer: “carrinho é brinquedo de menino”.

Nesta idade, já principia a construção de identidade própria e a perceber as diferenças de traços físicos e culturais que as diferem umas das outras. O trabalho pedagógico do professor deve valorizar a diversidade.

2.6 O brincar realizado pelos professores

MARIANA STOETERAU NAVARRO é autora da Dissertação de Mestrado: Reflexões Acerca do Brincar na Educação Infantil, realizada pela Universidade Estadual de Campinas no ano de 2009, cuja pesquisa teve como princípio norteador dados coletados em uma Escola de Educação Infantil, tratando-se de uma pesquisa qualitativa com a triangulação dos dados. O foco principal da pesquisa foi à maneira como a mediação do brincar é realizada pelos professores, visto que o ser humano se relaciona com o mundo e com as pessoas através da mediação.

Ao observar as brincadeiras em diferentes ambientes, a pesquisadora pode perceber que há certa preocupação com o brincar por parte dos professores, contudo, ainda há grande precariedade na formação desses profissionais.

A professora observada nessa pesquisa é ciente da importância do brincar na unidade de educação infantil, porém, devido à falha na formação dos profissionais que lidam com as crianças diretamente, bem como da equipe gestora, a criança ainda não está em primeiro lugar diante da organização dessa instituição.

Durante a análise da pesquisa de Navarro, foi possível detectar que a brincadeira livre é bastante valorizada, mas precisa ser mais bem explorada através de intervenções e disponibilização de brinquedos às crianças. A hora da brincadeira facilmente pode ser trocada por outra atividade, porém, quando está chovendo, a professora oferece filmes para os alunos assistirem ao invés de realizar alguma brincadeira interessante e produtiva ali mesmo em sala de aula.

Na dissertação de autoria de ELIANA MARIA MAGNANI: O Brincar na Pré-Escola: Um Caso Sério? Realizada pela Universidade Estadual De Campinas no ano de 1998, a qual teve como princípio norteador uma pesquisa de campo que investigou se nas escolas públicas e particulares de Maringá PR as crianças brincam de forma espontânea e identificar se possuem materiais que possibilitam as brincadeiras, bem como, observar se os adultos participam e incentivam tais atividades.

Segundo a autora existem diferentes maneiras de se brincar e, através desse brincar, a criança se socializa, percebe o mundo e a realidade à sua volta, desenvolve habilidades intelectuais e motoras, inventa, cria, recria e exercita sua imaginação.

Em relação à brincadeira de faz-de-conta, constatou em poucas escolas a presença de um espaço para esta atividade, sendo que, em algumas, isso é inexistente. Isso se torna um problema, pois, é por meio dessa brincadeira, que a criança demonstra e como é sua visão e construção de mundo, reelaborando dentro de si novas maneiras de se expressar e de compreender a realidade que a cerca.

Em relação aos jogos de construção, que são uma transição da fantasia para a realidade, Eliana detectou apenas seis escolas com espaço destinado a eles. Já os jogos de regras, importantes por levarem as crianças a pensarem e desenvolverem estratégias de resolução e problemas, de acordo com a autora, apenas quatro das escolas analisadas, disponibilizam espaço para eles.

A organização das salas mostrou-se igual em todas as escolas pesquisadas. Carteiras individuais enfileiradas umas atrás das outras, tomavam conta de todo o espaço demonstrando que o brincar não é pensado ali e, mesmo nas escolas que privilegiavam o trabalho em grupo, a espontaneidade não é permitida, pois, sempre há interferência do professor.

Observou-se que a brincadeira não era levada a sério, sendo substituída por qualquer outra atividade. Por exemplo, em momentos de intervalo das aulas, se estivesse chovendo, as crianças não deveriam fazer silêncio para não acordar os menores, se fosse um momento de desenho livre, jamais deveriam conversar.

Assim, os resultados obtidos demonstram que as crianças estão sendo reprimidas em seus direitos fundamentais de brincar e falta, nos professores, conhecimento sobre a

importância dos jogos e brincadeiras para a formação dos conhecimentos e habilidades do indivíduo.

A Dissertação de Mestrado de ELIZABETH MARIA MARTINS: O Brincar na Creche: Linguagem, desenvolvimento e prática social construída na interação realizada pela Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG no ano de 2004, destaca o brinquedo como fator fundamental em relação ao desenvolvimento infantil, possibilitando a interação com o outro e com o meio em que vive, favorecendo o avanço nas etapas de desenvolvimento e aprendizagem.

Para a autora, a brincadeira de faz-de-conta proporciona a criança a agir em um mundo imaginário tornando objetos em seres inanimados como, por exemplo: um cabo de vassoura se transforma em cavalo. Portanto, através desta brincadeira, a criança dá vazão ao seu imaginário e reproduz o universo adulto cotidiano, a seus sonhos e aspirações, bem como, se expressa de forma lúdica e prazerosa.

Ao brincar, a criança compreende a realidade e aprofunda sua visão sobre o mundo e a realidade. Brincando, vai conhecendo, aprendendo e se constituindo como um ser pertencente a um grupo social e, esta relação contínua entre o ser e o meio, possibilita, ainda, o desenvolvimento da linguagem.

O brincar assume características diferentes nos diversos períodos de desenvolvimento e se estruturam em torno vivenciam vários papéis com os quais interagem no cotidiano.

Toda brincadeira é uma imitação formulada no plano das emoções e das ideias. Nas brincadeiras, as crianças desenvolvem a oralidade, expressam sentimentos, aprendem regras, compartilham brinquedos e exercitam a imaginação além de refletir, desconstruir e reconstruir o mundo à sua maneira.

Cita, ainda, em toda sua pesquisa, o biólogo e psicólogo suíço Jean Piaget, cujas concepções são fundamentais para a análise do desenvolvimento infantil, bem como, da importância do brincar na infância.

Segundo a autora, para Piaget, toda criança passa por estágios de desenvolvimento correspondentes a aquisições físicas e mentais. O primeiro estágio é o chamado sensório-motor, fase que abrange os dois primeiros anos de vida. Neste período, os esquemas sensoriais permitem a criança organizar-se diante dos estímulos ambientais. Jogos de

exercícios físicos são parte desta etapa da vida humana. O segundo estágio é o pré-operatório, correspondente às idades entre dois e sete anos de idade. Agora, através da linguagem oral mais elaborada e em pleno desenvolvimento, a criança já consegue utilizar o campo simbólico. Esta etapa tem como característica o egocentrismo, o qual é expresso através do jogo simbólico. Desta forma, a criança tem possibilidades de transformar sua realidade de acordo com suas necessidades.

Concluindo os trabalhos, pode-se perceber que, durante a primeira infância, o brincar é de fundamental importância sendo uma das múltiplas linguagens da criança.

Por intermédio da brincadeira, a criança representa e expressa a realidade vivenciada, comunica-se entre seus pares e com os adultos, age e transforma.

Brincar, portanto, significa uma atitude, uma ligação ou vínculo da criança consigo mesma e com o outro.

A FORMAÇÃO DO EDUCADOR INFANTIL

O ato de educar nasce do encontro entre professor e aluno. É a partir desse encontro que surgem as oportunidades e estratégias que direcionam o processo educativo.

3.1 O perfil do educador infantil

O educador infantil precisa conhecer, não somente os fundamentos teóricos de como a criança aprende, seus modos de sentir, expressar-se ou estabelecer relações, mas, também, precisa reconhecer, de forma clara, o potencial de aprendizagem presente em cada atividade realizada e os objetivos que estão presentes nessas situações, de maneira que estas experiências tornem-se significativas para seus alunos. A intencionalidade de cada atividade deve estar fundamentada em conhecimentos e concepções pedagógicas de qualidade.

Um bom professor de educação infantil possui com características didáticas bem definidas e conhecimentos que lhe permitem a capacidade de verificar as necessidades de cada criança e saber intervir da melhor forma possível, a fim de auxiliá-las adequadamente.

Cabe ao professor organizar situações para que as brincadeiras ocorram de maneira diversificada para propiciar às crianças a possibilidade de

escolherem os temas, papéis, objetos e companheiros com quem brincar ou os jogos de regras e de construção, e assim elaborarem de forma pessoal e independente suas emoções, sentimentos, conhecimentos e regras sociais. (RCENEI 1998 p. 29)

A sensibilidade educacional que o bom professor possui depende de sólidas construções teóricas advindas dos estudos e das experiências que sua prática lhe proporcionam.

Somente um profissional bem preparado reconhece a importância da primeira infância e da influência das relações e do processo de aprendizagem e crescimento para o desenvolvimento saudável de todo ser humano.

As experiências vividas na primeira infância serão decisivos para a formação psicossocial e emocional para a vida toda.

De acordo com Koll (2010, p.69): “no brincar a criança comporta-se de forma mais avançada do que nas atividades da vida real e também a prende a separar objeto e significado.”

De acordo com o Referencial Curricular Nacional de Educação Infantil (1998), o perfil do adulto, a formação de seu caráter, dependerá do papel desempenhado pelos adultos cuidadores, sejam eles pais, familiares ou educadores. A postura do profissional da educação infantil perpassa, ainda, por habilidades pessoais que demonstram seu apreço pela atividade, gostar de crianças, sensibilidade compreender a dimensão de seu trabalho e sua capacidade para conseguir inserir-se no mundo das crianças e, daí, desenvolver as melhores práticas e ações. A partir de suas características pessoais, a formação pedagógica faz-se de fundamental importância para o desenvolvimento de um trabalho competente e sério.

O professor deve compreender a importância essencial do brincar na educação infantil e utilizar sempre deste recurso em sua prática pedagógica cotidiana.

{...} a promoção de atividades que favoreçam o envolvimento das crianças em brincadeiras, principalmente aquelas que promovem a criação de situações imaginárias, tem nítida função pedagógica. A escola, e particularmente, a Educação Infantil poderiam se utilizar deliberadamente desse tipo de situações para atuar no processo de desenvolvimento das crianças. (Koll 2010 p.69)

A compreensão de que, além de lazer, o brincar é a mais rica fonte de conhecimento do mundo físico e social para a criança, conduz o educador a pautar seu trabalho nesta abordagem e, conseqüentemente, possibilitará resultados satisfatórios em seu ato de ensino/aprendizagem.

O profissional atuante na educação infantil reconhece as características do brinquedo e das brincadeiras, a intencionalidade embutida em cada ação e proposta e, assim, possui condições de propor as melhores atividades e de realizar as intervenções necessárias e pontuais. Assim, é capaz de problematizar e de propor situações-problema que levem a criança a pensar e a buscar a resolução dos mesmos, de forma autônoma.

De acordo com o Referencial Curricular Nacional (1998, p.31): “é importante frisar que as crianças se desenvolvem em situações de interação social, nas quais conflitos e negociação de sentimentos, ideias e soluções são elementos indispensáveis.”

É através do lúdico (brinquedos, brincadeiras e jogos), que a criança pequena busca suporte para superar suas dificuldades e medos. Para o professor, é ferramenta essencial que, usado de forma adequada, torna-se eficaz no processo de ensino/aprendizagem.

Portanto, a utilização da ludicidade nas turmas de creche deverá propiciar uma aprendizagem significativa, tendo em vista estar claro que aquela promove a aquisição de conhecimento, o desenvolvimento da comunicação, do pensamento e a organização e reelaboração dos sentimentos.

A formação de qualidade do professor atuante na educação infantil é a base para o trabalho profissional sério nas creches e pré-escolas.

O espaço das instituições deve ser concebido apenas como extensão pura e simples da casa e da família da criança, sendo voltado apenas aos cuidados como alimentação e banho. Profissionais bem preparados são capazes de pensar em ambientes que aliam o cuidar e o educar, através de brinquedos, brincadeiras e estabelecimentos de vínculos fundamentais para a efetivação do desenvolvimento saudável e integral de cada educando ali presente.

Está previsto no Referencial Curricular Nacional de educação Infantil (1998, p.32) “O professor deve planejar e oferecer uma gama variada de experiências que responda, simultaneamente, às demandas do grupo e às individualidades de cada criança.”

É preciso uma ruptura com os padrões históricos das instituições de educação infantil, que eram voltadas apenas ao cuidar de crianças para as mães trabalharem. Ao se pensar em brincadeiras com intencionalidades claras, sejam específicas ou amplas, quebra-se tal paradigma e é possível avançar para novas concepções e, conseqüentemente, a melhoria na qualidade na formação de melhores pessoas e cidadãos.

O profissional com boa formação compreende a necessidade das brincadeiras em todas as atividades da criança, reconhecendo seu papel de intervir a cada momento que se faça necessário, motivando a fala, o pensamento, a criatividade e a interação.

É o adulto, na figura do professor, portanto, que, na instituição, ajuda a estruturar o campo das brincadeiras na vida das crianças. Conseqüentemente, é ele que organiza sua base estrutural, por meio da oferta de determinados objetos, fantasias, brinquedos ou jogos, da delimitação e arranjo dos espaços e do tempo para brincar” (RCNEI, 1998, v.1, p.28).

O professor que atua nessa área tem grandes desafios. Precisa ser criativo para desenvolver seu trabalho de forma frutífera, estar em constante aprendizado através de estudos e cursos de formação continuada, transformando suas propostas pedagógicas de modo a corresponder às novas exigências da sociedade.

Para educar não existe fórmula ou receita, mas habilidade e flexibilidade devem se fazer presentes na vida do professor. O olhar do professor sobre os alunos deve ser comprometido com a profissão, proporcionando experiências desafiadoras e significativas. Trabalhar buscando e praticando tais princípios é atender a infância com respeito.

O professor das instituições de educação infantil representa aquele companheiro que possui maior experiência e caminha juntamente com a criança, propiciando oportunidades para o brincar com riqueza de vivências, de forma saudável em um ambiente inclusivo, sem discriminações sejam elas quais forem, a fim de que as experiências vivenciadas sejam variadas, saudáveis e respeitadas.

Por meio das brincadeiras os professores podem observar e constituir uma visão dos processos de desenvolvimento das crianças em conjunto e de cada uma em particular, registrando suas capacidades de uso das linguagens, assim como de suas capacidades sociais e dos recursos afetivos e emocionais que dispõem.(RCNEI 1998, P.28)

Sendo assim, é o educador quem deve planejar atividades que envolvam o lúdico e propiciem um espaço privilegiado para que seus alunos possam exercitar o corpo, praticar

brincadeiras que envolvam expressividade, a força, o equilíbrio, a coordenação e tantos outros aspectos fundamentais para o desenvolvimento das habilidades corporais e psíquicas. Alcançar metas é sempre objetivo do professor, mas independente dos resultados, reavaliar os meios trabalhados traz crescimento profissional que será maior com a complementação constante do seu conhecimento. “A busca de novos conhecimentos dos professores deve antes de tudo levar a uma reflexão sobre a prática”. FREIRE (2000).

Para o ato de educar, é primordial aos educadores perceberem-no como um ato sério e embasado em concepções, teorias e práticas exitosas, reconhecendo que a educação infantil é a base na qual o sujeito constrói seu desenvolvimento como um todo.

3.2 O professor e o aprender brincando

O professor da atualidade deve se apoderar do brincar, introduzindo-o no ambiente escolar. O adulto torna-se afetivamente significativo para a criança a partir do momento que incorpora e vivencia suas experiências lúdicas, abrindo espaço para o desenvolvimento de seu potencial de criação. Com essa atitude, o professor incentiva a criança à descoberta, à curiosidade e ao anseio de saber. A criança toma o professor como companheiro nessa busca.

O professor é o responsável pela sistematização das situações de aprendizagem e precisa reconhecer o valor da brincadeira para o desenvolvimento do aluno. É função dele ofertar um espaço que combine a brincadeira com as aulas, em um ambiente propício à aprendizagem escolar e que possibilite, ainda, alegria, prazer e movimento.

A prática educativa deve buscar situações de aprendizagens que reproduzam contextos cotidianos nos quais, por exemplo, escrever, contar, ler, desenhar, procurar uma informação etc. tenha uma função real. Isto é, escreve-se para guardar uma informação, para enviar uma mensagem, contam-se tampinhas para fazer uma coleção etc.(RCNEI 1998, p.35)

Para restaurar o brincar e torna-lo ponte facilitadora do aprendizado, o professor necessita relembrar os tempos de sua própria infância e buscar, em suas memórias, as experiências de quando brincava e como aprendia com seus colegas. É preciso reviver, mais uma vez, as emoções das descobertas e, assim, compreender a necessidade que seus alunos possuem de brincar para construírem seus próprios conhecimentos. Segundo ALMEIDA (1998,

p.62) “a formação de professores perpassa pela (re) introdução do lúdico nas instituições infantis, e deve antes de tudo, preparar profissionais que se tornem adultos que saibam brincar.”

Na Matemática, quando enchem e esvaziam potes de água, quando comparam quem chegou primeiro no pique ou quando conta quantas latinhas derrubaram. Ainda, quando mensuram o tempo e o esforço para chegarem até um colega ou um brinquedo, a força para jogarem uma bola e atingirem o obstáculo ou quando entram dentro e saem fora de um brinquedo.

Em Linguagem Oral e Escrita, ao repetirem cantigas de roda, parlendas ou canções, nas brincadeiras de telefone sem fio, desenvolvem a linguagem e a imaginação.

Em Natureza e Sociedade, ao imitarem animais, percebem como são diferentes os sons e gestos que emitem suas características que os diferem uns dos outros e despertam seu interesse sem a necessidade de decorar conceitos.

Em Artes, ao observarem obras de arte, ao misturarem diferentes tintas e deixarem marcas de tinta no papel, na parede ou no chão, modelarem massinha e colarem grãos, desperta o gosto pelas artes plásticas e pelo belo. Através dos desenhos e das pinturas, demonstram, ainda, seus sentimentos e suas vivências.

Em Movimento, as crianças tem a oportunidade de correr, pular, descer e subir, desenvolvendo seu corpo e suas habilidades motoras, além de se socializarem através brincadeiras que lhes permitem, ainda, desenvolver meios para conquistar e convencer outros colegas de algo.

Ao ouvir música, produzir sons com diversos instrumentos e materiais, dançar e se movimentar, a criança expressa sentimentos, emoções e sensações, bem como, desenvolve habilidades de comunicação, atenção organização espacial.

A brincadeira é, então, um mecanismo que permite satisfação para os alunos e, também, viabiliza o aprendizado. O professor deve, portanto, apropriar-se papel de investigador, consultor e criador.

Escolher ensinar pelo brincar é acreditar que as crianças aprendem com alegria aquilo que ninguém pode ensinar, vivenciando a infância em sua plenitude.

CONSIDERAÇÕES

Através da pesquisa bibliográfica realizada, foi possível compreender como acontece o processo ensino/aprendizagem por meio do brincar. De acordo com os referenciais estudados, é brincando que a criança reelabora as emoções, expressa suas fantasias, satisfaz as necessidades, tem condições para reinventar e transformar a realidade ao redor e, ainda, interagir com o meio social no qual está inserida.

Mediante este estudo, a formação do professor de educação infantil deve priorizar a os conhecimentos de como a criança aprende e da importância do brincar como uma ferramenta fundamental à prática pedagógica, a fim de que este profissional seja capaz de promover condições á criança de se desenvolver plenamente em todos os aspectos: físico, social, cultural, afetivo, emocional e cognitivo.

Ficou claro, nesta pesquisa, que a criança, imprescindivelmente, deve ser o foco principal do trabalho pedagógico e a intencionalidade nas ações deve ser fundamentada em concepções pedagógicas efetivas e coerentes. Portanto, os brinquedos e brincadeiras são elementos fundamentais, devendo permear o planejamento da prática educativa.

O trabalho possibilitou-nos refletir sobre todo o processo de ensino-aprendizagem na primeira infância, agregando conhecimentos sobre como a criança aprende e o papel do professor mediador entre a criança pequena e o conhecimento do mundo que a cerca.

REFERÊNCIAS

A INTERDISCIPLINARIDADE NA OBRA INFANTO JUVENIL DE MONTEIRO LOBATO CANATO, Desirée Marisa (de_canatto@hotmail.com) SANTOS, Gersonita Elpídio dos (gersonitaelpidio@hotmail.com)

A criança e o brincar. Rodrigues LM. UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO - UFRRJ DECANATO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – DPPG. Mesquita 2009.

Aires P. História Social da Criança e da Família. 3ª ed. 1975.

CAVICCHIA DC. Teoria do desenvolvimento cognitivo de Jean Piaget. FCTCU Psicologia Educacional 2.

FREIRE, P. Pedagogia da autonomia. Saberes Necessários à Práticas Educativas. 16ª Edição. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

FRANÇA, VCB. A importância do brincar na Educação Infantil – crianças de 3 a 5 anos. Universidade Tuiuti do Paraná. Curitiba 2010.

PIAJET, J. O nascimento da inteligência na criança. 4ª edição. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

CHATEAU, JEAN. O jogo e a criança. São Paulo: Summus, 1987. 3ª Edição.

ZANLUCHI, Fernando Barroco. O brincar e o criar: as relações entre atividade lúdica, desenvolvimento da criatividade e Educação. Londrina: O autor, 2005.

VYGOTSKY, Lev S. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

Dissertação de Mestrado de ELIZABETH MARIA MARTINS: O Brincar na Creche: Linguagem, desenvolvimento e prática social construída na interação realizada pela Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG 2004.

Dissertação de Mestrado ELIANA MARIA MAGNANI: O Brincar na Pré-Escola: Um Caso Sério? Realizada pela Universidade Estadual De Campinas no ano de 1998.

Dissertação de Mestrado MARIANA STOETERAU NAVARRO Reflexões Acerca do Brincar na Educação Infantil, realizada pela Universidade Estadual de Campinas no ano de 2009.

Finardi L.M. Currículo Educação Infantil Creche- 0 a 3 anos. Mococa-SP 2001-2008

Kool M.O Vygotsky aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico. São Paulo Scipione 2010.

Kshimoto T.M e Santos. M.W jogos e brincadeiras tempos, espaços e diversidade. Cortez São Paulo 2016.

Piaget. J. Seis estudos de psicologia. 24ª edição Revista 1999.

Lacerda v. Ludicidade: Jogos e Brincadeiras na Educação Infantil.

Bondioli A. Mantovani S. Manual de Educação Infantil

Bassedas E. Huguet T. Solé I. Aprender e Ensinar na Educação Infantil 1999

Craidy C. Kaercher G.E. Educação Infantil: pra que te quero? 2001

Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil v.1 1998

Referencial Curricular Nacional para educação Infantil v.3 1998

BECKER, Fernando. Epistemologia subjacente ao trabalho docente. Porto Alegre: FAGED/UFRGS, 1992. 387p. (Apoio INEP/CNPQ). (No prelo: VOZES). (Relatório de pesquisa).

ANTUNES, Celso. O Jogo e a Educação Infantil: falar e dizer, olhar e ver, escutar e ouvir, fascículo 15. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003, 4ª edição.

Eckert M.H Desenvolvimento Motor 1993 editora Manole

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. Jogo brincadeira e a educação. São Paulo: Cortez. 1999.
MT O brincar e suas teorias. São Paulo: Ed. Pioneira, 2002.

Trivinus A.N.S Introdução á pesquisa em ciências sociais São Paulo editora atlas 1987.